

Conversão da dívida

Externa

Uma corrida para ampliar os negócios

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

O sinal verde dado neste ano à conversão da dívida externa brasileira em investimentos desencadeou uma verdadeira corrida. Afinal, segundo estimativas do próprio governo, os valores passíveis de conversão chegam a US\$ 67,4 bilhões.

Desse total, US\$ 25 bilhões são dívidas já depositadas no Banco Central (BC), cuja conversão deve necessariamente ser feita através dos leilões de deságio. Outros US\$ 42,4 bilhões (US\$ 32,3 bilhões do setor público e US\$ 10,1 bilhões do setor privado) são dívidas ainda não vencidas, que também podem ser convertidas, mas pelos mesmos deságios praticados nos leilões.

Uma das raíes é ocupada pelos

credores, especialmente os bancos regionais, ansiosos por limpar de seus ativos os títulos não quitados ou de pagamento duvidoso desde a crise internacional da dívida externa, em 1982. Esses títulos têm sido avaliados até por metade de seu valor de face, o que obrigou muitas instituições a fazer custosas provisões ou lançar parte dos ativos como créditos em liquidação. Os grandes bancos credores não parecem muito dispostos a entrar na conversão com os títulos que possuem em sua própria carteira, por causa do deságio.

Em outra raia estão as empresas brasileiras, desejosas de receber uma fatia desses recursos como investimento para dar andamento a planos de expansão há muito tempo adiados. A criatividade dos empresários está caminhando para projetos que trocam exportação por títulos da dívida ou a venda de bens de capital, como navios, de difícil colocação no mercado internacional, também por títulos.

Os bancos, corretoras e distribuidoras instalados no Brasil e uma série de escritórios de especialistas e advogados também estão na corrida, procurando contatar bancos credores que queiram vender seus ativos a investidores que pretendem participar da conversão; e localizar projetos no Brasil passíveis de despertar o interesse no exterior.

Essas instituições também montam cuidadosamente departamentos de análise de empresas e ações, armando-se para fornecer ao exigente investidor estrangeiro as precisas e preciosas informações necessárias a quem transformará a dívida em um investimento que só poderá ser repatriado em doze anos, um prazo insolitamente longo para os padrões brasileiros.

Uma categoria especial dentro dessa raia é o banco especializado em *asset trading*, a negociação de ativos no mercado secundário internacional de títulos da dívida externa, que movimentam cerca de US\$ 10 bilhões por ano. São esses bancos que fazem a ponte entre os credores desejosos de limpar seus ativos e os investidores que querem comprar com deságio os títulos e investir com lucro, representado pela diferença entre o deságio do título no exterior e o desconto praticado nos leilões.

Nessa corrida, os benefícios para a economia brasileira são indiscutíveis. "Em um momento em que a economia está parada", diz Luiz Fernando Azevedo Resende, diretor do Unibanco — Banco de Investimento do Brasil S.A., "é inegável a importância da injeção de recursos novos."

Ricardo Sérgio de Oliveira, diretor do Crefisul, também aposta que a conversão "poderá trazer de volta o desenvolvimento". Mas lembra que a credibilidade na economia e na política brasileiras influirá no grau de interesse do investidor estrangeiro.

O diretor do Crefisul observa ainda que, apesar de as empresas beneficiadas diretamente pela conversão não serem muitas, elas acabarão irradiando os benefícios para uma vasta cadeia de outras empresas. Uma indústria de bens de consumo que receba um aporte de capital externo para se expandir, por exemplo, exigirá novas máquinas, insumos e matérias-primas de outras produtoras.

Para as instituições financeiras que intermediarem os negócios, a "conversão também será um produto bastante rentável", reconhece Oliveira, revelando que o Crefisul conta como trunfo para desenvolver negócios de conversão o fato de ter sido o banco de investimento mais ativo no repasse de recursos externos quando o relacionamento do Brasil com o mercado internacional de crédito era normal. Com esses repasses, o Crefisul relacionou-se com cerca de cem bancos estrangeiros, hoje investidores em potencial no Brasil. O Unibanco conta com o mesmo *handicap*, uma lista de 450 bancos estrangeiros com os quais mantém contato, duas agências no exterior (Nova York e Grand Cayman) e escritórios de representação em Londres e Paris.

No cenário interno, a palavra mais falada nesses bancos nos últimos tempos é *corporate financing*, uma área até há pouco misteriosa e reservada a poucos especialistas, que cuida da compra e venda de empresas.

Algumas instituições saíram na frente nesse campo, como o Crefisul e o Citibank, com projetos como o da Celanese. Há um ano e meio, conta Oliveira, a Celanese americana resolveu sair do País, e a sua venda foi montada por esses bancos. Do capital da nova empresa passaram a participar com 70% o grupo Minasa, com 20% o Citibank, que usou para isso recursos da conversão, e com 10% o Crefisul.

As instituições financeiras que entram na disputa por esse mercado que

